



Sonhos

Patrícia Gabriela Bilha Salles¹

Resumo: : Este trabalho traz como tema os sonhos, através de uma breve revisão bibliográfica de sua concepção histórica a partir dos escritos dos filósofos gregos, de Santo Agostinho (Agostinho de Hipona) também as contribuições de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung. Ideias, teorias e discussões que trouxeram benefícios para a Ontopsicologia, de forma que, foram analisados os pontos históricos que foram utilizados no método ontopsicológico. Sonhos como modo de encontro com a realidade de cada sujeito.

Palavras-chave: Filosofia, sonhos, Ontopsicologia.

Dreams

Abstract: This work brings the theme dreams, through a brief literature review of its historical design from the writings of the Greek philosophers, St. Augustine (Augustine of Hippo) also the contributions of Sigmund Freud and Carl Gustav Jung. Ideas, theories and discussions which have benefits for Ontopsychology, so that the historical sites that were used in Ontopsychological method were analyzed. Dreams as a way of encounter with the reality of each subject.

Keywords: philosophy, dreams, Ontopsychology.

¹gbspatricia@hotmail.com

1 Introdução

Uma linha do tempo de alguns filósofos em relação aos estudos dos sonhos, opiniões, teorias e discussões. Qual seria a função do sonho? Será previsão do futuro? Respostas aos nossos complexos? Ou apenas consequências do que vemos na vigília? E a vigília e o sono, seriam UNO?

Análise histórica limitada à alguns filósofos gregos, Santo Agostinho e também contribuições de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung, os quais, trazem contribuições ao método ontopsicológico com suas teorias, estudos e ideias relacionado ao tema.

No século VI os sonhos já eram objeto de estudos e aguçavam a curiosidade e nos dias de hoje juntamente com o método ontopsicológico traz inúmeros benefícios, no contexto da Ontopsicologia: “Lat. *se omninum* = o indivíduo em relação ao todo, a todos, de todos. O sonho é o espelho holístico da atividade orgânica e funcional do nosso existir” (MENEGETTI, 2012, p.250).

2 Breve análise histórica sobre o sonho

2.1 Pitágoras

Para a doutrina Pitagórica, doutrina criada a partir dos conhecimentos do filósofo Pitágoras, que nasceu por volta de 570 a.C., os sonhos seriam mensagens de seres sobrenaturais, à recepção seria condicionada à pureza da alma.

2.2 Sócrates

Sócrates também já demonstrava interesse no assunto:

Teeteto — Sinto-me acanhado, Sócrates, de declarar que não sei como responder, pois há pouco me repreendeste por eu ter dito isso mesmo. Mas, para dizer a verdade, não poderei contestar que os loucos e os sonhadores não formam, de fato, opiniões falsas, como no caso de se imaginarem deuses os primeiros, ou de pensarem os outros, durante o sonho, que têm asas e que podem voar.

Sócrates — E não te ocorre, também, outra objeção no que respeita ao sono e à vigília?

Teeteto — Qual?

Sócrates — A que, a meu ver, já debes ter ouvido com freqüência, sobre o argumento decisivo que poderias apresentar a quem perguntasse de improviso se neste momento não estamos dormindo e se não é sonho tudo o que pensamos, ou se estamos realmente acordados e entretidos a conversar?

Teeteto — Em verdade, Sócrates, sinto-me indeciso na escolha do argumento, pois em ambos os estados tudo se passa exatamente do mesmo modo. Nada impede de admitir que o que acabamos de conversar tivesse sido dito em sonhos; e quando imaginamos em sonhos contar que sonhamos, é admirável a semelhança com o que se passa no estado de vigília.

Sócrates — Como vês, não é difícil suscitar controvérsia nesse terreno, pois é possível duvidar até mesmo se estamos acordados ou dormindo. Além do mais, como é igual o tempo que dedicamos ao sono e o que passamos acordados, em ambos os estados sustenta nossa alma que são absolutamente verdadeiras as noções do momento presente, de sorte que numa metade do tempo batemo-nos pela veracidade de determinadas noções, e na outra metade pela de noções em todo o ponto diferentes, mas em ambos os casos com igual convicção.

- Sócrates pergunta a Teeteto no diálogo homônimo.

Neste diálogo, Sócrates expõe a questão sono x vigília, assim como outros filósofos que veremos ao decorrer de nossa linha do tempo na história.

2.3 Hipócrates

Chegando aos anos de 460 a.C., ano em que nasce o filósofo Hipócrates que antecipa o princípio de Freud, segundo o qual o sonho é sempre egocentrado. Mas já Heráclito havia enunciado o caráter individual e subjetivo do mundo onírico: " O universo de quem está em vigília é uno e comum, mas no sono cada um se volta ao seu próprio" (AZEVEDO, 2013, apud DIELS-KRANZ, 2006, p.81)

2.4 Demócrito

Ainda ao decorrer desta mesma época Demócrito para qual os sonhos são imagens que emanam seja dos seres vivos, seja dos objetos inanimados e penetram no corpo por meio dos poros. Essas imagens reproduzem não apenas a figura, mas sim a atividade sentimental e radical dos sujeitos de que

foram emitidas, os quais, por força deste princípio, vemos agir nos sonhos, e dos quais podemos assim conhecer os projetos; mas em seu trajeto ocorre que sofram alterações, de onde se explicaria como, além dos sonhos nítidos e verdadeiros existem os sonhos confusos e falaciosos. Ele considera que os fatos oníricos sejam um “resíduo” das sensações experimentadas durante vigília, as quais deixam nos órgãos uma impressão, que perdura inclusive após o desaparecimento do objeto da percepção. O movimento assim produzido é ocultado durante a vigília por aqueles suscitados pelas sensações atuais e pelo pensamento, mas no sono, quando a receptividade em relação ao mundo externo é interrompida, emergem provocando o sonho, o qual se definiria, portanto, como um produto das propriedades de formar imagens que pertencem a sensibilidade. Esta teoria pressupõe uma origem exclusivamente física dos sonhos e parece excluir a hipótese de que os sonhos pudessem preannunciar o futuro.

2.5 Platão

Platão, transfere em dimensão mais psicológica a intuição de Hipócrates e a definir a autonomia da atividade oniropoiética da psique em chave ética:

Durante o sono dorme até mesmo a parte racional da alma, e não pode exercer sobre aquela irracional, bestial e selvagem o controle habitual do estado de vigília. Esta tenta então opor-se no sono e a abandonar-se aos seus bramidos; surgem assim visões desenfreadas e monstruosas, que revelam os instintos inatos de todo homem, mas reprimidos na vigília pela censura da alma racional: que ocorre no sono se use da violência contra mãe, realizam-se os mais ferozes delitos, nem se obstem de qualquer loucura e impudicidade. Mas se mantivermos acordada no sono a alma racional, preparando-a com pensamentos escolhidos, e se evita de excitar aquela irracional com a ingestão sem moderação de alimentos e bebidas, tais imagens tão horrendas não aparecem; antes, principalmente nos sonho somos capazes de conhecer a verdade sejam das coisas acontecidas e presentes, que daquelas por vir. (AZEVEDO, 2013, apud PLATÃO, 2007, p.81)

2.6 Aristóteles

O jovem Aristóteles discípulo de Platão, nos conta a história de Eudemo, a quem um belíssimo jovem aparece no sono e lhe revela que dali a cinco anos Eudemo seria morto (ROSS, p.16). Mais uma vez renuncia ao platonismo e ainda polemiza com Demócrito, continua buscando a realidade externa ao

sujeito os estímulos para a gênese do sonho. Aristóteles se refugia em um cauteloso agnosticismo, não obstante admita que a fé nas faculdades proféticas do sonho seja comprovada pela experiência e que não seja por si mesma absurda:

Não se pode nem descartar com desprezo a interpretação dos sonhos, nem ter nela confiança cega. (...) Os sonhos devem ser considerados causas ou símbolos dos eventos, ou então coincidências. (...) O mais sagaz intérprete de sonhos é aquele que possui a faculdade de colher as similaridades. (AZEVEDO, 2013, apud ARISTÓTELES, 2003, p.83)

A hipótese de Aristóteles se verificaria nas doenças, porque os pequenos movimentos que acompanham o seu surgimento latente são percebidos no sono com maior clareza. Os sonhos podem também ser “causa” do futuro: assim como ao sonhador se apresentam atos e pensamentos durante a vigília, as imagens que aparecem no sonho sugerem atos e pensamentos na realidade porvir. Mas, habitualmente, a relação entre sonho e evento é, segundo Aristóteles, casual. Afinal, como alternativa, Aristóteles supõe que os sonhos proféticos, analogamente aos fenômenos de telepatia, sejam o produto de estímulos transmitidos por ondas, similares às perturbações que se difundem no ar ou na água, e que a mente reagiria melhor a tais estímulos quando em um estado de passividade, como é justamente no sono. Ele afirma que o melhor intérprete de sonhos será aquele capaz de reconhecer as semelhanças porque as imagens dos sonhos resultam ser deslocadas e reviradas. A tentativa aristotélica de explicar as propriedades divinatórias do sonho recorrendo às leis da física, porém, teve escarço prosseguimento e o debate sobre a confiabilidade, as causas e os modos dos sonhos, daí em diante, caracterizou-se de modo quase que exclusivo na direção da oniromancia, voltando-se novamente à estreita correlação com a hipótese de origem metafísica do fenômeno.

2.7 Epicuro

Por volta de 341 a.C. então, nasce Epicuro, filósofo que não diversamente que para Demócrito, os sonhos são provocados por átomos provenientes do externo, que produzem um movimento na psique: e são, portanto, “realidades”, porque o movimento é produzido apenas por algo que existe. Mas os sonhos não têm, para ele, o poder de indicar o futuro e, nem mesmo de revelar uma

verdade transcendente, posto que a enviá-los não são de certo os deuses, indiferentes à sorte humana, mas sim representam as coisas que empenham a nossa mente e, logo, também os nossos projetos e aspirações.

2.7 Agostinho de Hipona

Entre os padres escolásticos, Tomás de Aquino e Agostinho dedicaram parte das próprias pesquisas ao sonho. Agostinho, por exemplo, afirma no Livro X das Confissões:

“A ilusão da imagem possui tanto poder sobre minha alma e sobre minha carne que, enquanto durmo, falsos fantasmas me convencem a ações as quais, acordado, nem mesmo as realidades podem me convencer. (...) Oh Deus e Senhor meu, não sou eu o mesmo nestas ocasiões? Não obstante, qual diferença talmente grande há entre mim e mim mesmo a partir do momento em que ingresso no sono até o momento no qual retorno? ” (AZEVEDO, 2013, apud AGOSTINHO, 2011, p.86)

2.8 Sigmund Freud

Fazendo uma corrida no tempo, para os anos de 1899, Sigmund Freud com a sua obra sobre a interpretação dos sonhos instaura a era psicológica da pesquisa onírica. Acordou-se o interesse, seja dos membros da profissão médica, que do público em geral, acerca da necessidade de uma compreensão mais profunda da dinâmica do comportamento humano. Os médicos então passaram a interessar-se das relações mútuas entre psique e soma, e buscaram formular em termos científicos um fato que a eles sempre foi notado: precisamente, que a causa determinante da doença orgânica, não raras vezes, provém da esfera psíquica. Portanto, uma ciência “velha” e “nova” ao mesmo tempo, a Medicina Psicossomática, atingiu nos últimos anos uma posição importante no âmbito das disciplinas médicas. Cresce, então, graças ao trabalho de Freud sobre o inconsciente, o multiforme campo de aplicabilidade do conhecimento psicanalítico. Fazem uso de seus conceitos, psiquiatras modernos, operadores do campo psicológico, de orientação atitudinal, da educação e instrução, os eclesiásticos, mas também o judiciário, para a concessão da liberdade condicional, os tribunais em geral e os institutos de correção. Seus conceitos influenciam vastos campos da nossa cultura, de forma que economistas, antropólogos, sociólogos e outros especialistas

consideram como profícuo e estimulante o estudo da psiquiatria em sentido psicanalítico e a colaboração mútua.

Segundo Freud, através do estudo cuidadoso do comportamento pós-hipnótico, dos sonhos, dos lapsus e erros ao recordar ou ao agir, bem como alguns tipos de reações histéricas, demonstra-se que a vida mental se estende para além da consciência. A sua obra deu fundamento à psicanálise e se constitui em uma das pedras fundamentais da psicologia. Ele denominou inconsciente aquela parte da nossa vida mental da qual não somos conscientes e observou que o inconsciente possui características dinâmicas e que exerce influência sobre outros “estratos” da personalidade: aquele consciente e aquele entre os dois, dito pré-consciente. O material inconsciente é banido, segundo Freud, da consciência quando não lhe seja necessário ou quando resulte ser “inaceitável”. A análise onírica oferece uma via para penetrar no inconsciente e para descobrir as forças que se contrapõe à aceitação do material inconsciente. Uma parte do próprio material foi, um tempo, consciente, mas foi removida. Outra parte, ao invés disso, nunca chegou a ser consciente. A partir do estudo do material removido, principalmente, os psicanalistas fizeram diversas constatações acerca da dinâmica do inconsciente. A sua influência sobre a psique e sobre a soma é mais forte do que aquela exercida pela consciência. Breuer e Freud descobrem, desde 1892, que os sintomas histéricos são o produto de memórias inconscientes, de experiências que foram removidas da consciência. Mais tarde, particularmente por conta da influência de seus estudos sobre o sonho, Freud conclui que o inconsciente hospeda material instintual infantil, com toda a amoralidade que a ele é intrínseca.

Na Interpretação dos Sonhos, Freud introduz um elemento para a interpretação até então inédito, ou seja, ele é o primeiro autor a considerar um elemento a mais para fazer a análise da nossa vida onírica. Além do conteúdo manifesto do sonho – o que contamos sobre o que acabamos de sonhar – Freud também leva em conta as associações do próprio sonhador.

Temos, portanto, dois elementos:

- 1) O conteúdo manifesto – o que o sonhador conta, a narrativa do sonho tal qual o sonho é lembrado ao acordar ou nos dias seguintes;
- 2) O conteúdo latente – que é o significado do sonho, depois de analisado.

Para chegar ao conteúdo latente, a analista parte das associações individuais do sonhador de cada parte do que sonhou. No capítulo II, Análise de um sonho modelo, Freud escreve:

“Nosso primeiro passo no emprego desse método nos ensina que o que devemos tomar como objeto de nossa atenção não é o sonho como um todo, mas partes separadas de seu conteúdo. Quando digo ao paciente ainda novato: “Que é que lhe ocorre em relação a esse sonho? ”, seu horizonte mental costuma transformar-se num vazio. No entanto, se colocar diante dele o sonho fracionado, ele me dará uma série de associações para cada fração, que poderiam ser descritas como os “pensamentos de fundo” dessa parte específica do sonho”.

Assim, cada elemento do sonho deve ser separado dos demais e para cada elemento devemos buscar as associações individuais para os elementos, para as partes do sonho. Por isso, o que contamos ao acordar, o conteúdo manifesto, praticamente nunca vai trazer logo de início o significado subjacente do sonho. Existem sim sonhos que são claros e até fáceis de entender, mas a maior parte vai precisar das associações individuais para que se possa descobrir o significado real, por trás do conteúdo manifesto.

Por exemplo, Freud relata um sonho de uma paciente. No sonho, ela via o seu sobrinho morto, em um caixão. A princípio, não podemos dizer nada sobre o significado do sonho, sem as associações da sonhadora.

Deste modo, Freud começa a pedir para que ela associasse, dissesse o que cada elemento do sonho a fazia lembrar e pensar. E logo chegaram ao sentido do sonho: realmente, há pouco tempo, um outro sobrinho seu havia falecido e naquela ocasião uma pessoa por quem ela era apaixonada apareceu no enterro. Com isto, o que o sonho mostrava é que ela desejava ver novamente a pessoa por quem ela era apaixonada e que, por motivos alheios à sua vontade, não conseguira estabelecer um relacionamento amoroso.

Portanto, entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente nós temos as associações:

- 1) Conteúdo manifesto: sobrinho morto em um caixão

Associações:

Sobrinho: sobrinho morto (há pouco tempo). No enterro do sobrinho: presença do homem por quem era apaixonada.

- 2) Conteúdo latente: desejo de reencontrar o homem por quem era apaixonada.
- 3) Importante: na perspectiva da psicanálise de Freud, portanto, a interpretação é sempre individual. Cada pessoa é que vai associar aos elementos do que sonhou outras representações.

Esta paciente do Freud sonhou com caixão e pode associar a presença de um pretendente. Outra pessoa poderia sonhar com caixão e lembrar do avô, outra pessoa poderia sonhar com caixão e se lembrar do tempo em que trabalhou em uma funerária, quer dizer, a associação de cada elemento de um sonho vai ser sempre de cada um, vai ser sempre individual.

Pela via do sonho, seu deu o grande encontro e desencontro entre Jung e Freud. A teoria e a importância dos sonhos encontrou eco nas pesquisas de Jung e o fascinava. Foi também através de um sonho seu em 1909 voltando da viagem que fizera com Freud aos EUA para a comemoração dos vinte anos da Universidade Clark que Jung teve o sonho da casa de três pavimentos. Como se sabe, Jung apresentou o sonho a Freud e este o interpretou redutivamente, deixando-o insatisfeito.

2.9 Jung

Para Jung os sonhos são natureza, que não contém a menor intenção enganosa e diz o que tem a dizer da melhor maneira possível - como uma planta que cresce ou um animal que busca alimento. (Humbert apud JUNG, 1985, pág. 26)

A ideia básica por trás da teoria de Jung é que os sonhos revelam muito mais do que ocultam. Jung propõe que, se o sonho é um produto psíquico como outro qualquer, então não tem porque supormos que sua natureza e finalidade são diferentes dos outros conteúdos da psique. A partir disto, infere que devemos tratar os sonhos analiticamente "como qualquer outro produto psíquico" (1928). Eles são uma expressão natural de nossa imaginação e usam uma linguagem o mais direta possível para nos mostrar nossa realidade interna. Isto se opõe à teoria Freudiana de Interpretação dos sonhos, que nos falava que eles tinham um propósito codificado para não os entendermos. E

por mais surpreendente que seja, Jung não acreditava que os sonhos precisavam ser interpretados para atuarem em seus propósitos. Em vez disso, ele sugeriu que são os sonhos que fazem o trabalho de integração entre a consciência e o inconsciente; o que ele chamou de processo de Individuação. É mais fácil pensar na individuação como a jornada da mente em direção à inteireza, ou aquela qualidade de sabedoria que separa os mais velhos da maioria das pessoas. Trabalhar os sonhos e ampliar seus componentes míticos pode, com certeza, apressar o processo interpretativo. Se não nos preocuparmos com o que o sonho tenta nos dizer, o máximo que conseguiremos é chegar a algo muito complexo e para tanto, nem mesmo de um sonho iremos precisar. O trabalho com os sonhos, assim como com qualquer outro material proveniente da psique humana, exige mais sensibilidade do que regras. Isso não quer dizer que não haja técnicas, mas enquadrá-las em um passo a passo ou numa cartilha infalível pode ser o início de uma análise mal sucedida. Se, como diz Roland Barthes, "o mito é uma linguagem" (1968), então não podemos "aceitar a mistificação que transforma a cultura pequeno-burguesa em natureza universal". Sendo assim, o mito pessoal de cada um pode passar pela novela das oito, pelo BBB e também pelos livros de mitologia clássica. Todas essas narrativas irão contar com as estruturas universais atuando em seus domínios, no entanto, as imagens que a elas servirão, dirão mais respeito a uma cultura ou à outra. Caso assim não possamos considerar, cairemos no erro de transformar símbolos em signos dando a estes, significados estáticos e não mutáveis. De acordo com Jung, o psicoterapeuta é um tipo de xamã moderno ou um clero que nos ajuda a criar uma mitologia pessoal que funcione, jogando fora todos os padrões não adaptados e estabelecendo outros mais saudáveis no lugar deles. Os sonhos e o trabalho com as imagens compõem na obra de Jung e de seus seguidores, papel primordial, no processo terapêutico.

2.10 Ontopsicologia

Chegando por volta de 2000, a Ontopsicologia evidenciou a importância da participação do cérebro neurogastroentérico na formação do sonho. Enquanto o nosso cérebro central sofre a influência do feixe de estereótipos que antecipa

a informação organísmica – o monitor de deflexão –, os neurônios convergentes no âmbito viscerotônico são íntegros e também eles especulares, exatamente como os neurônios homônimos cerebrais.

Para Meneghetti, portanto, torna-se indispensável conscientizar a ausculta das sínteses informativas elaboradas pelo campo viscerotônico: esôfago, pulmões, estômago, cólon etc. Além disso, a própria leitura dos campos semânticos torna-se perceptível a partir da colocação em relevo daquilo que o cérebro neurogastroentérico elabora. Tal critério é, mais propriamente, o que Meneghetti denomina de “critério organísmico”:

Complexo de ações e reações determinadas pelo conjunto orgânicocorpóreo: em particular, cérebro visceral, sistema cardíaco e pulmonar, estômago e funções sexuais e eróticas. O critério organísmico é vetor da emocionalidade com ausência de interferências cerebrais, ideológicas. É a exclusão de qualquer imagem, síntese ou programa definido como memética. (AZEVEDO, 2013, apud MENEGETTI, 2012, p.94)

O cérebro viscerotônico, segundo a experiência ontopsicológica, resulta sempre exato. Também o cérebro central, se não houvesse a manipulação cultural elaborada pelo monitor de deflexão, seria exato. Ambos são fenomenologia do Em Si ôntico: o visceral é ação reflexológica; o central é discricional. Os dois sistemas convivem em contínuo intercâmbio, em particular, durante o sono. A introdução de informações prevaletentes sobre informações lógico-cerebrais resulta nas aparentes contradições de sentido quando se faz a análise onírica. (MENEGETTI, 2000, p.92) As crenças dos antigos sobre as relações entre os modos de alimentar-se e a tipologia da atividade onírica se tornam justificáveis. Dos pais da nossa civilização até hoje, podemos aprender que os grandes sempre consideraram e utilizaram o sonho como um válido instrumento de suporte às suas decisões, seja de caráter político, econômico e científico, e não apenas no âmbito clínico. O uso clínico do sonho é apenas um entre os possíveis usos, mas sem dúvida, não é o único e, em parte, podemos atribuir historicamente à psicanálise a “redução” do uso deste válido instrumento apenas ao âmbito clínico.

É importante salientar qual a visão de conjunto, ou seja, qual a novidade aportada pela abordagem científica da Ontopsicologia em relação ao sonho:

O sonho é o espelho holístico da atividade orgânico-funcional do nosso existir. O sonho fala documentando a realidade do sujeito, mas para ser admitidos no interior deste arquivo de atividade lógica, devemos possuir a sua introdução linguística. Exatamente como não podemos saber o que diz um indivíduo, se não possuímos o código da língua que usa para exprimir-se. Portanto, com o escopo de aperfeiçoar e completar a organização lógico consciente que já temos, é necessário recuperar, ao menos em parte, este conhecimento do mundo da vida. (AZEVEDO, 2013, apud MENEGHETTI, 2010, p.95)

Segundo a investigação da escola ontopsicológica, adicionalmente, o sonho é um aspecto da constante ação intuitiva que vivemos continuamente. Há sempre uma ligação entre os sonhos e a intuição a qual, porém, é preciso saber ver:

A atividade onírica é a reflexão do modo no qual o organismo exercita a si mesmo em suas múltiplas partes e funções. A nossa consciência é um estado de reflexão, o modo de espelho que usamos para relevar alguns comportamentos. A atividade onírica é o espelho total do realismo sinérgico do orgânico funcional. No momento da morte, a última coisa que desaparece da nossa atividade é justamente a ação onírica. (AZEVEDO, 2013, apud MENEGHETTI, 1998, p.95)

Ao comparar a informação do sonho com aquelas da memória ou da nossa consciência, de fato, Meneghetti considera que estas últimas são “estados secundários e parciais, póstumos da radical reflexão onírica”. Porém, a grande dificuldade, é colher a sua linguagem, ou seja, embora o sonho documente a realidade físico-orgânica e histórica do sujeito, para sermos admitidos no interior deste verdadeiro “arquivo de atividade lógica”, devemos possuir a sua específica introdução linguística. Mais precisamente, podemos dizer:

Nos vários conhecimentos que pude ter, de diversas óticas, descobri que ele [o sonho] faz uma análise exata do ponto de vista médico, comportamental e social do sujeito. O sonho é uma projeção das variáveis e das alterações seja funcionais que estruturais do nosso organismo. É a reflexão do que, na realidade, já aconteceu no âmbito da nossa totalidade psíquica e somática. (...) Para um expert, o sonho é uma espécie de “biópsia histológica” da existência do sujeito. A partir da análise onírica, por exemplo, podemos colher a causa, o processo e o escopo de uma patologia ou de uma situação, ou de

uma estratégia familiar, social, econômica, política, científica. (AZEVEDO, 2013, apud MENEGETTI, 1998, p.96)

Quando se interpreta um sonho, é preciso ter presentes, de modo contemporâneo, todos os onze elementos. Deve-se considerar também, para que o sonho se torne claro, um fato ulterior: a interferência do monitor de deflexão. Substancialmente, o sonho é a linguagem como a natureza fala da individuação em existência. O fato interessante é que ele gere a moral da natureza partindo exclusivamente da ótica do indivíduo. O mal existe quando nós operamos de maneira negativa algum aspecto contra nós mesmos. Portanto, o sonho não nos julga pelo que “fazemos aos outros”, ou pelos reflexos no âmbito social, naturístico etc.: avalia cada ação cada comportamento exclusivamente a partir da identidade da pessoa agente. Embora tenha esta exclusiva ótica individual, colhe a ética de modo funcional também para todos.

A leitura de um símbolo deve ser feita na exclusiva lógica funcional do sonhador. A natureza não tem mitos, religiões, ideais, estereótipos. São os nossos estereótipos culturais e científicos a não consentir a leitura simples e imediata da informação biológica da vida. O sonho usa qualquer símbolo – da mãe ao amigo, ao amante, a Jesus, a Buddha – exclusivamente para indicar se uma coisa é sana ou negativa para a identidade histórica do sonhador. (AZEVEDO, 2013, apud MENEGETTI, 2010, p.99)

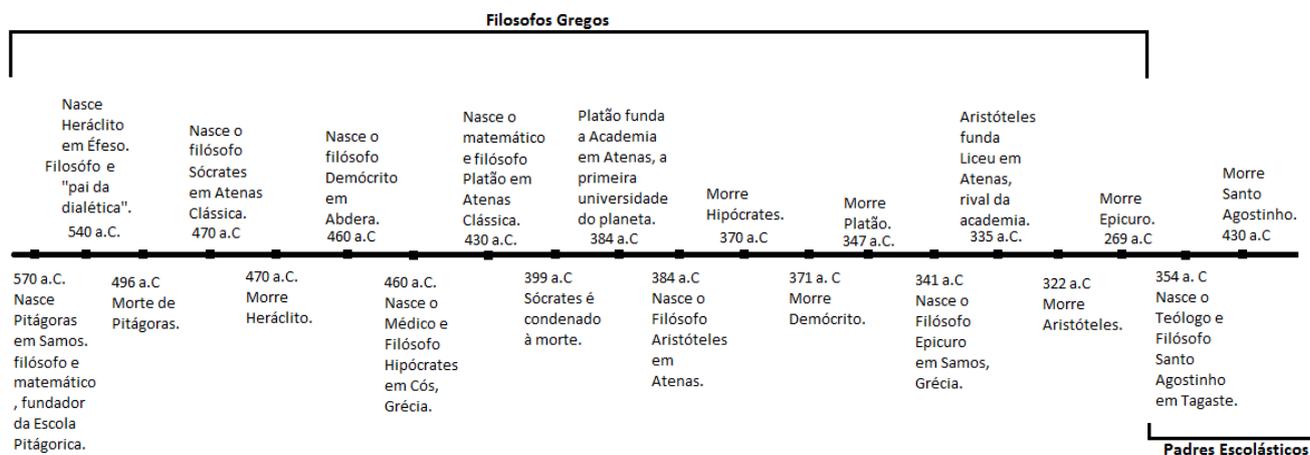
3 Método

3.1 Identificação dos sujeitos

A análise teórica corresponde a pesquisas de forma sintéticas feitas a partir de 10 grandes filósofos, um Médico Neurologista criador da Psicanálise e em seguida um Psiquiatra e Psicoterapeuta que fundou a psicologia analítica, pesquisas estas nas quais trouxeram contribuições à Ontopsicologia de Antonio Meneghetti.

Figura 1: Linha do Tempo da Filosofia

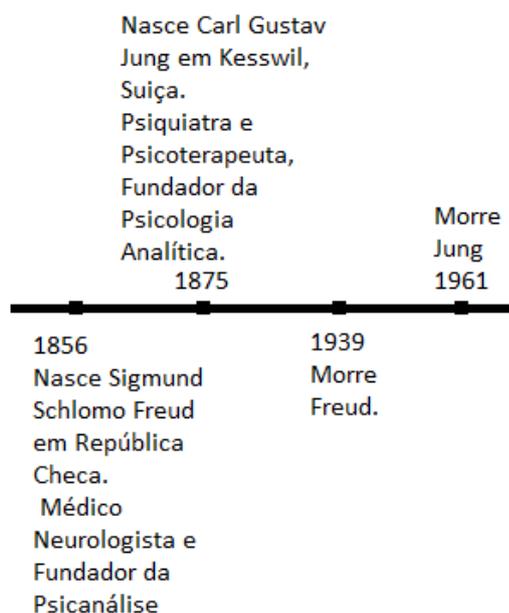
a.C



Fonte: A autora, adaptado de: Linha do Tempo da Filosofia, (http://www.filosofia.com.br/bio_popup.php?id=%2055)

Figura 2: Linha do tempo de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung

d.C.



Instrumentos de pesquisa

A pesquisa foi realizada a partir de trabalhos já realizados de estudiosos da área, meios de comunicação (internet) e livros. De forma sintetizada as teorias formadas através do tempo serão analisadas para que sejam mostrados o conhecimento formado que trouxe benefícios a Ontopsicologia e os meios de interpretação dos sonhos.

4 Resultados e Discussão

Desde muito cedo já nasce a preocupação em relação aos sonhos, ou melhor, a curiosidade. Vejo que os antigos nos trouxeram um grande conhecimento inicial sobre o assunto.

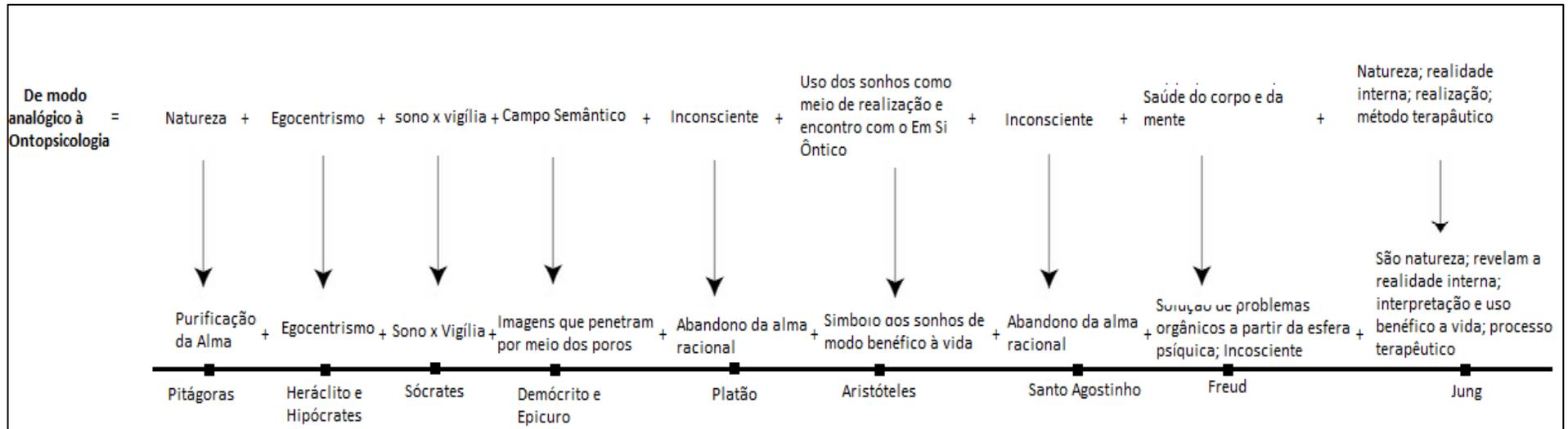
Alguns pontos benéficos:

- A purificação da alma de Pitágoras já seria um ponto de início, ligado à pureza da vida, o íntimo do Ser.
- Foram então se aprofundando Hipócrates e Heráclito, antecipam o princípio de Freud, segundo o qual o sonho é sempre egocentrado.
- Sócrates abre discussão ao sono x vigília.
- Demócrito e Epicuro compartilham da mesma ideia onde os sonhos são imagens que emanam seja dos seres vivos, seja dos objetos inanimados e penetram por meio dos poros. De forma analógica, poderíamos chamar: campo semântico.
- Platão já coloca que nos sonhos abandonamos nossa alma racional e tocamos nosso “inconsciente”, por ele denominada, parte irracional.
- Aristóteles, mesmo duvidando do fato de podermos confiar cegamente na leitura dos sonhos, coloca a ideia de usarmos os símbolos dos sonhos de modo benéfico, como por exemplo na doença, porque os pequenos movimentos que acompanham o seu surgimento latente são percebidos no sono com maior clareza.

- Também fora assunto de curiosidade aos padres escolásticos. Santo Agostinho coloca o abandono da alma racional no sonho assim como Platão.
- Sigmund Freud faz renascer essa curiosidade, sendo uma “velha” e “nova” ciência ao mesmo tempo. Médico Neurologista e criador da psicanálise, forma sua teoria sobre os sonhos procurando soluções, como para por exemplo doenças orgânicas que não raramente provém da esfera psíquica. A partir destes estudos, deu nome à aquela parte da nossa vida mental onde não somos conscientes de: inconsciente, onde ficaria ocasionado os materiais removidos e os quais podemos “tocar” no sonho.
- Já Jung, que também estudou o assunto juntamente com Freud, porém suas teorias acabaram tomando outros caminhos. Os sonhos são natureza e revelam muito mais que ocultam, mostram uma realidade interna.

Ele sugeriu que são os sonhos fazem o trabalho de integração entre a consciência e o inconsciente; o que ele chamou de processo de Individuação. É mais fácil pensar na individuação como a jornada da mente em direção à inteireza, criando uma vida mais saudável pra si próprio com papel primordial no processo terapêutico.

Figura 3: Sonhos e Ontopsicologia



Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa.

Nos deparamos com a busca por viver de acordo a nossa natureza, nosso Em Si Ôntico através da saúde do corpo e da alma, são alguns dos pontos que nos trouxeram benefícios, o estudo do inconsciente e métodos de “toca-lo” para a visão de uma realidade interna a favor da vida e de uso primordial no método de terapia. Estes são alguns sintéticos pontos.

Para a Ontopsicologia, a saúde corporal e da mente são extremamente importantes para uma realização total do ser, sendo assim o cérebro neurogastroentérico e cérebro central. O meio que nos impede de tocar nosso inconsciente, também chamado por Platão e Agostinho abandono da alma racional e material removido por Freud, é o motor de deflexão onde o cérebro central é tomado de um feixe de estereótipos que antecipam a informação organísmica, para isso é necessário conscientizar a escultura do campo visceral (e campo semântico), o qual é sempre exato. Se não fosse a manipulação da cultura como traz já Freud, onde temos os materiais removidos e material institucional infantil, o cérebro central também poderia ser exato.

O sonho é um meio de nos encontrar com nossa realidade, é um espelho holístico de ação intuitiva, é preciso ler a sua linguagem de acordo com a exclusiva lógica do sonhador.

5 Considerações Finais ou Conclusão

A interpretação dos sonhos, formalizada pela Ontopsicologia de Meneghetti faz com que seja possível reencontrar a comunicação do Em Si Ôntico daquele sujeito, para realizar o egoísmo vital do sujeito.

A muito tempo atrás essa busca já existia e foi tomando forma, ter um conhecimento inicial dos conceitos relacionados aos sonhos é muito importante para os estudos da área. Nesse sentido este trabalho buscou traçar uma análise cronológica conceitual sobre o sonho, o que pode favorecer estudos de relevância mais profunda.

Referências

ARISTÓTELES, Il sonno e i sogni. Il sonno e la veglia, I sogni, La divinazione durante il sonno (a cura di Luciana Recipi). Venezia: Marsilio Editori, 2003.

AZEVEDO, Erico de Lima. Da fenomenologia de Edmund Husserl ao nexo

ontológico de Antonio Meneghetti: origens históricas, teorias e aplicações. São Paulo [2013].

BARTHES, Roland (1968). Mitologias. Rio de Janeiro: Difel [2003].

FREUD, Sigmund. Die Traumdeutung (1900), 12a ed., 2005; FREUD, Sigmund & BREURER, J., Studien über Hysterie (1892), 6a ed. 2005. Frankfurt: Fischer Taschenbuch Verlag.

HARK, Helmut (1988). Léxico dos conceitos junguianos fundamentais. São Paulo: Loyola [2000].

HUMBERT, Elie G. (1983). Jung. São Paulo: Summus [1985].

JOSÉ, Márcio. Linha do Tempo da Filosofia. Disponível em http://www.filosofia.com.br/bio_popup.php?id=%2055

JUNG, C. G. (1961). Memória, sonhos, reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira [22ª Ed. 2003].

MENEGHETTI, A. L'immagine e l'inconscio. 2 ed. Roma: Psicologica Editrice, 1998. (1 ed.: 1994)

MENEGHETTI, A. Manuale di Melolistica, Roma: Psicologica Editrice, 2000
ROSS, W.D., Aristotelis fragmenta selecta, Oxford, 1955.

SANTANA, Ana Lucia. Pitágoras. InfoEscola. Disponível em <http://www.infoescola.com/filosofos/pitagoras/#>

SOUZA, Felipe. Psicologia MSN.com. Como interpretar os sonhos- Segunda Freud. Disponível em <https://www.psicologiamsn.com/2014/07/como-interpretar-os-sonhos-segundo-freud.html>